

## Larry Lohmann: A IA é uma manobra incoerente demais

*“A minha opinião é que os movimentos sociais precisam ter flexibilidade suficientemente para lidar com eventos novos e imprevistos, inclusive a IA, sem perder de vista a história ao lidar com eles.”*

*Neste episódio da nossa série “A construção política da IA”, conversamos com Larry Lohmann, pesquisador da The Corner House, organização independente de pesquisa e solidariedade sediada no Reino Unido, cujo trabalho se concentra na relação entre justiça climática e acumulação de capital. Lohmann, que passou anos analisando as conexões entre ecologia e economia política em redes como o Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais e o Grupo de Durban pela Justiça Climática, define a Inteligência Artificial como uma forma de “colonialismo de máquina” impulsionada pelo consumo intenso de energia e pela apropriação da água. Ele enfatiza que a IA é uma continuidade de outras tecnologias industriais que remontam pelo menos a 1800. E acrescenta que, assim como essas outras tecnologias industriais, ela aproveita o surgimento, no século XIX, de uma “energia abstrata” que subordina uma série de outras energias diversas a um único combustível abrangente para o capital. Desde a pilhagem da água no Chile até a exploração do trabalho digital no Sul Global, Lohmann nos lembra que a saída para esse ciclo destrutivo não está em se refugiar na nostalgia neoliberal, e sim em uma frente de resistência compartilhada e militante, forjada por movimentos de trabalhadores e ecologistas contra os monopólios tecnológicos.*

### **O capitalismo costuma abrir novas fronteiras de acumulação para baratear a mão de obra, as matérias-primas e a energia, enquanto supera suas crises. Onde você situa a inteligência artificial nessa narrativa histórica de acumulação?**

O capital é conhecido por sua resiliência diante das crises. Quando os lucros caem, ele procura novas máquinas e novos esquemas fraudulentos que possam reduzir os custos da força de trabalho e ameaçar ou distrair os trabalhadores. Idealiza novos golpes financeiros. Busca novas fronteiras onde seja possível extrair recursos mais baratos e diferentes reservas de força de trabalho. Tenta extrair mais subsídios e socorros financeiros a ser bancados pelos contribuintes enquanto combate os esforços públicos para limitar seu poder. Busca novas maneiras de lidar com a resistência. Cria novas mercadorias para tentar lucrar com os problemas causados pelas antigas.

Os atuais garotos da IA – Sam Altman, Mark Zuckerberg, Jeff Bezos, Elon Musk, Satya Nadella, Sundar Pichai, Jenson Huang, Alex Karp, Dario Amodei, Bill Gates e todos os outros – estão oferecendo a maioria desses truques, senão todos, a investidores e governos na esperança de aumentar suas próprias fortunas. Se conseguirem dar continuidade a isso é outra questão. Como sabemos, as crises do capital são ainda mais resilientes do que o próprio capital. No longo prazo, a IA é uma manobra incoerente demais para reverter a tendência predominante de esgotamento das soluções capitalistas. Os detalhes são fascinantes, mas abordá-los aqui levaria muito tempo. Uma contradição fundamental do truque da IA é que ela é o que Karl Marx chamou de “trabalho morto” fingindo ser capaz de substituir o trabalho humano vivo.

Como Marx nos ensinou, isso nunca funcionará porque o capital precisa de ambos, o que não quer dizer que a IA não tenha outros efeitos, é claro.

**A Agência Internacional de Energia prevê que o consumo de eletricidade pelos centros de processamento de dados conhecidos como data centers poderá dobrar até 2030. O que essa enorme expansão revela sobre o controle dos recursos energéticos e a distribuição social da energia?**

A IA é uma continuação do capitalismo industrial do século XIX. Seus chips e sistemas de refrigeração são máquinas industriais, como teares mecânicos ou perfuradores de metal. Sua função é arregimentar, reorganizar, recrutar, ocultar, explorar e acelerar o trabalho humano para extrair mais valor para empresas específicas. Para isso, elas precisam subordinar imensas paisagens e seus povos à organização da energia abstrata que as máquinas demandam, assim como as antigas máquinas industriais dos séculos XIX e XX.

Essa energia é “abstrata”<sup>1</sup> porque as máquinas digitais e outras máquinas industriais não podem funcionar a menos que todas as “pequenas” energias concretas dos bens comuns, usadas para cozinhar, aquecer ou cultivar alimentos, e todas as diferentes energias biológicas, geológicas, hidrológicas e estelares que nos cercam, sejam desvinculadas de seus contextos anteriores e subordinadas politicamente, tornando-se um único combustível abrangente para a acumulação de capital. Nada mudou nesse aspecto desde 150 anos antes da criação da Agência Internacional de Energia, em 1974, e de a palavra “energia” ter adquirido seu significado atual, em meados do século XIX. Parques eólicos e solares e GPUs (unidades de processamento gráfico) H100 da Nvidia não questionam esse padrão em nada. É o mesmo colonialismo de máquina de sempre.

A única pequena diferença reside na escala e na urgência. Atualmente, os garotos da IA só querem saber como obter mais energia para seus processadores. Mark Zuckerberg e Sam Altman falam sobre reatores nucleares ou até mesmo term nucleares fabricados especificamente para cada data center de grande porte. Eric Schmidt fala em subordinar a política energética dos Estados Unidos apenas para obter mais eletricidade para a IA. Elon Musk menciona enviar centenas de milhares de data centers ao espaço para aproveitar ao máximo o fluxo solar. Nenhum deles sequer finge ter qualquer interesse em como esses novos regimes de controle prejudicariam a vida da maioria da população mundial.

**Enquanto os monopólios tecnológicos se vangloriam de aumentos na “produtividade por unidade” de água ou energia, o consumo total de recursos continua crescendo rapidamente. Como você explica esse paradoxo em termos da lógica insaciável da acumulação de capital?**

---

<sup>1</sup> “Energia abstrata” aqui se refere à **conversão de múltiplas formas de energia** presentes na vida social e na natureza – como o calor usado para cozinhar, a força do trabalho humano, a fertilidade do solo, os ciclos da água, a energia solar e outros processos naturais – **em um recurso uniforme, mensurável e controlável** – como o petróleo e os giga watts gerados por parques eólicos e solares –, colocado a serviço da produção industrial e da acumulação de capital.

A eficiência calculada por unidade é algo em que os capitalistas individuais começam a pensar quando os custos de eletricidade passam a representar restrições ao lucro. Se houver oferta barata suficiente, eles não se preocupam com isso. Menos ainda pensam na eficiência por unidade como um caminho para reduzir o consumo energético total do capital. Por que deveriam? Não é para isso que serve a eficiência. O capital não é nada se não acumular, e a acumulação implica um maior consumo de commodities energéticas e um achatamento global mais rápido das curvas de entropia<sup>2</sup>, independentemente dos custos unitários.

William Stanley Jevons, economista convencional do século XIX, já tinha um bom entendimento dessa questão quando formulou o paradoxo que leva seu nome. Em 1865, ele observou que o aumento da eficiência no uso do carvão mineral, na verdade aumentava, em vez de reduzir, seu consumo total, porque isso reduzia os custos, estimulava a demanda e o consumo, e acelerava a acumulação.

O projeto para criar uma IAG, ou Inteligência Artificial Geral, baseia-se na premissa de que aplicar energia suficiente a processadores de computador que executem algoritmos preditivos alimentados com big data poderia replicar bilhões de anos de evolução biossocial. Esse projeto é inútil e insano. Tentar realizá-lo absorveria progressivamente toda a energia disponível no universo. Diante de um esquema como esse, que diferença faria aplicar algumas pequenas medidas de eficiência aqui e ali? A Inteligência Artificial Geral (IAG) gera uma contradição que supera até mesmo o Paradoxo de Jevons.

### **À medida que se aceleram os investimentos em redes e a ampliação da capacidade dos data centers e da infraestrutura de IA, quem arca, na prática, com o impacto desse enorme crescimento em termos ecológicos e sociais?**

Isso nem se discute. A resposta é: os de sempre. Basta perguntar aos movimentos sociais de oposição aos data centers, que crescem cada vez mais nos Estados Unidos, no Chile, na Espanha, no México, na Irlanda, no Reino Unido, no Uruguai, na Holanda e em muitos outros países. Os data centers consomem água e eletricidade locais de forma excessiva, corrompem governos locais, aumentam a poluição do ar e sonora, prolongam a vida de usinas de energia a combustíveis fósseis e são usados para fortalecer as tecnologias de vigilância, repressão e exploração que os Estados usam contra seus próprios cidadãos. Até Donald Trump já se deu conta da agitação social que resulta disso.

Além disso, os data centers exigem a extração intensa e crescente de minerais como lítio, cobre, cobalto, carvão e níquel em todo o mundo, em muitos casos devastando a vida das populações locais de forma ainda mais grave do que os próprios data centers. Para piorar a situação, grande parte da mão de obra barata ou não remunerada de que a IA precisa para se treinar e se manter é extraída desproporcionalmente das camadas mais desfavorecidas do proletariado mundial em países como Quênia, Índia e

---

<sup>2</sup> Em outras palavras, as “curvas de entropia” aqui se referem ao fato de que quanto mais a economia capitalista produz e cresce, mais energia e recursos são consumidos e dissipados (por exemplo, em calor, desperdício e poluição), mesmo que cada unidade de produção fique mais eficiente.

Madagascar, muitos dos quais acabam sendo muito debilitados mental e fisicamente como resultado disso.

**À medida que aumentam o consumo de água para refrigeração e o ônus do calor residual, quais novos mecanismos de expropriação e perda de direitos estão possibilitando a reconfiguração das prioridades de alocação e uso da água em favor dos monopólios tecnológicos?**

Em seu livro *Empire of AI*, uma de suas convidadas anteriores, Karen Hao, que escreve sobre tecnologia, apresenta alguns exemplos latino-americanos em um nível fascinante de detalhamento. Como precisam de água pura para resfriar seus servidores, os data centers costumam tentar se aproveitar dos sistemas municipais de abastecimento de água potável. Em Cerrillos, no Chile, um data center proposto pelo Google usaria mais de mil vezes a quantidade de água potável consumida por toda a população local – cerca de 88 mil moradores em um país atingido por uma seca de vários anos. Essa água era pública, e não privatizada, algo incomum no Chile. A palavra “subsídio” não se aplica realmente a esse tipo de atividade predadora. “Roubo” seria mais apropriada. Naturalmente, o Google teve que usar todos os tipos de táticas para facilitar essa tentativa de roubo – informações falsas, relatórios técnicos feitos sem transparência, traduções enganosas, intimidação, subornos travestidos de ofertas para plantar algumas árvores gratuitamente e assim por diante. Foi necessário um tempo enorme, de muitos voluntários locais, para derrotar o projeto e salvar sua água.

Nem todas as comunidades têm essa sorte. Em outra região afetada pela seca – o estado de Nevada, nos Estados Unidos – Google, Meta, Oracle e Tesla, além de um consórcio de outras empresas apoiado por Trump, ocuparam mais de 400 km<sup>2</sup> de deserto de altitude para construir ainda mais data centers. A única água disponível para resfriar as máquinas está na bacia hidrográfica que pertence ao povo indígena Paiute, do Lago Pyramid, há pelo menos 16 mil anos. Até agora, no entanto, as empresas de data centers têm conseguido superar com relativa facilidade a oposição local e de ecologistas, em parte porque foi muito simples adquirir as enormes propriedades de um pequeno número de donos privados e agilizar o processo de licenciamento junto ao governo local.

**Na cadeia que vai da extração mineral à produção de chips, e daí em diante até montanhas de lixo eletrônico e processos de trabalho digital mal remunerados, quais continuidades lhe vêm à mente a partir da persistente concentração de destruição e exploração nas mesmas regiões geográficas?**

Algumas das degradações mais graves são encontradas em antigas colônias europeias na África, na América Latina e na Ásia, e em comunidades que já foram muito afetadas pelo colonialismo apocalíptico de povoamento na América do Norte e pelas políticas subimperialistas de países como Indonésia e África do Sul.

Mas não são apenas os lugares dos que a IA se apropria e explora que revelam continuidades coloniais. É também a maneira como isso é realizado, arraigado heranças racistas das quais elas obtêm lucros tão imensos. Outro dos seus entrevistados anteriores, Dan McQuillan, fala com lucidez sobre a maneira como a IA

reproduz tendências históricas, por exemplo, a supremacia branca e a eugenia, cujo papel no colonialismo não precisa ser lembrado. Em última análise, o próprio conceito de inteligência que a IA usa pode ser rastreado até a ideologia cartesiana de tipo gerencial que dividia a “mente” dos conquistadores do “corpo” bruto dos conquistados, que começou a se espalhar durante o início da era colonial, bem como às tradições fascistas e necropolíticas posteriores.

**Até recentemente, os monopólios tecnológicos garantiam para si mesmos uma forma de legitimidade climática por meio de promessas como “emissão líquida zero” e “compensação de carbono”, oferecendo “soluções” baseadas no mercado. Hoje, no entanto, vemos essas mesmas figuras agindo com muito mais imprudência, aparentemente sem necessitar mais desse tipo de verniz verde. Como você interpreta essa transição do capital, daquele período “camuflado” para o estágio atual?**

Há poucos anos, Bill Gates falava muito sobre coisas como “aço verde” e “cimento verde”. Sua alegação era de que as emissões da indústria poderiam ser “zeradas” através de compensações e outros meios, deixando o capitalismo como estava. Da mesma forma, por meio da ONU, Mark Carney pressionava por uma enorme expansão do mercado voluntário de créditos de carbono, que os críticos consideram uma completa fraude. Empresas petrolíferas como a Oxy e a Chevron e garotos da tecnologia como Sundar Pichai, do Google, promoviam a ideia de plantar árvores em milhões de hectares de terras para compensar a poluição climática que causavam. A moda era afirmar que a destruição da vida das pessoas pelo capitalismo fóssil poderia de alguma forma ser compensada, pelo menos por um curto período – porém destruindo-se ainda mais vidas ao se apropriar de suas terras, suas florestas e seus futuros.

Essa foi uma clássica “solução” empresarial concebida pelo Estado neoliberal e suas ONGs e seus tecnocratas de estimação, baseada na insistência de que a solução para a crise capitalista só pode ser mais capitalismo. Por mais de um quarto de século, alguns dos ativistas com quem eu tenho maior proximidade – em organizações e redes como Movimento Mundial pelas Florestas Tropicais, Indigenous Environmental Network, Acción Ecológica e REDD-Monitor – têm continuado a luta contra essa manobra neoliberal específica porque entendem que ela causa danos às comunidades locais em todo o mundo e sustenta um capitalismo fóssil (e agora, baseado na IA) que destrói o planeta por meio de fraude científica.

Mas enquanto tudo isso acontecia, ocorreu algo curioso. Embora as bobagens neoliberais sobre emissão líquida zero e compensação de carbono não tenham desaparecido, começamos a passar da era do neoliberalismo – cujo auge foi por volta de 1975 a 2025 – para uma era de fascismo e banditismo mais explícito, povoada por figuras como Trump, Modi, Milei, Bolsonaro, Orbán, Bukele, Meloni, Farage e assim por diante. Acompanhando os tempos, os garotos da IA agora tendem a deixar para lá muitas das antigas mentiras neoliberais sobre compensações e energia renovável. Em vez disso, estão na primeira fila da segunda posse de Trump, onde ninguém dá ouvidos a esse tipo de discurso e a nova moda é o fascismo.

Vivemos uma transformação de imensas proporções, mas que também se assemelha um pouco a uma sucessão da realza saída de uma peça de Shakespeare. Há muito ressentimento dramático, amargura e luta de espadas até a morte, tudo isso entre facções que têm em comum muitos dos valores do banditismo. De certa forma, o novo fascismo é o velho neoliberalismo em sua forma mais crua. Para entender a razão disso, pode ser útil observar o exemplo da ciência, que à primeira vista parece ser um grande ponto de discórdia entre neoliberais e fascistas hoje em dia.

Sob o neoliberalismo, a ciência tinha duas partes muito diferentes: a branca e a fraudulenta. Entre os exemplos de ciência branca estão a termodinâmica e a climatologia. Nenhuma delas é fraudulenta, pelo contrário, ambas são grandes conquistas intelectuais. Mas por razões históricas, a maneira [não histórica e politicamente descontextualizada] como elas formulam e resolvem problemas evitam sistematicamente ir contra a corrente da supremacia branca.

Por exemplo, a climatologia apresenta o aquecimento global unicamente como uma questão de excesso de moléculas de gases de efeito estufa nos lugares errados. Assim, evita investigações sobre como elas chegaram lá, o que a obrigaria a analisar a dependência do capitalismo na extração de combustíveis fósseis. Essa abordagem leva o público, incluindo muitas ONGs, a acreditar que a solução deve estar na precificação de moléculas pelo Estado, os mercados de moléculas, o racionamento de moléculas e a gestão de moléculas, em vez de apoiarem os movimentos sociais que trabalham para manter os combustíveis fósseis no solo.

Da mesma forma, a priorização da energia abstrata pela termodinâmica é de grande ajuda para o capital na operação de suas máquinas, mas não é tão útil para as pessoas comuns que precisam combater a subordinação de suas inúmeras energias não termodinâmicas à energia da indústria. Inseparável das metodologias da física meticulosamente desenvolvidas que dominaram a era capitalista, esse viés intrínseco incentiva a crença colonialista – repetindo, ainda comum entre as ONGs – de que a justiça energética nada mais é do que a distribuição justa de uma substância energética abstrata.

A ciência fraudulenta é diferente, mas igualmente indispensável ao neoliberalismo. Entre os exemplos estão as pseudociências de compensação de carbono e biodiversidade ou da “economia circular”. Os mercados de carbono não fazem sentido do ponto de vista da climatologia. A energia industrial “renovável” e a chamada “economia circular” não fazem sentido do ponto de vista da termodinâmica. Qualquer pessoa com experiência em movimentos ambientalistas poderia acrescentar os exemplos de Avaliações de Impacto Ambiental (AIA) ou análises de custo-benefício (ACB), que geralmente, se não sempre, estão repletas de erros científicos óbvios, cuidadosamente deixados sem correção. Toda essa ciência claramente fraudulenta precisa ser misturada com a ciência branca sob o neoliberalismo porque ele necessita dela para suas soluções.

A questão é que, em seus ataques generalizados a universidades e instituições de pesquisa, figuras como Trump e Orbán estão deixando claro a todos que, na visão deles, o capital não precisa mais de nenhum dos componentes da ciência neoliberal.

São incômodos que não valem o custo. Por que não ter supremacia branca sem ciência branca? Por que não podemos simplesmente nos livrar dos milhares e milhares de professores universitários obedientes e bem financiados, consultores com doutorado e conselhos técnicos da ONU cuja função era proporcionar um verniz pseudocientífico às explorações e apropriações do capital? Por que precisamos de todos esses programas estatais e internacionais de fachada para gerenciar e comercializar moléculas de gases de efeito estufa se, na prática, eles equivalem praticamente a negar as mudanças climáticas por completo, o que, sejamos francos, o capital já faz de qualquer maneira? Voltemos ao básico. Assim como agora podemos deixar de lado os velhos pretextos relacionados ao “estado de direito” e os antigos procedimentos burocráticos e diplomáticos da ONU em favor do Conselho da Paz de Trump, também podemos esquecer os procedimentos meticulosos e excessivamente complicados da ciência.

Isso não é só ignorância ou anti-intelectualismo. É um experimento para romper algumas das alianças políticas frágeis que, por pouco, salvaram a acumulação de capital no último meio século, enquanto se tentam reunir outras que possam funcionar melhor para atingir os mesmos objetivos nas circunstâncias atuais. Os antigos burocratas, tecnocratas e profissionais de marketing neoliberais talvez não sirvam mais ao propósito em uma era de precariedade, quando poucas pessoas conseguem falar de confiança em um futuro em segurança. Após muitas décadas de fracasso, a narrativa neoliberal de que os mecanismos de preços resolverão a crise ecológica começa a ficar obsoleta, assim como a narrativa de que eles resolverão a injustiça social. Nesta fase, encenar sofisticados teatros da crueldade em defesa de áreas da supremacia branca cuja propriedade está ameaçada, por mais divisivas que sejam, pode acabar tendo mais importância para consolidar redes de interesse nas quais a acumulação de capital possa se apoiar – ou pelo menos pode servir para mudar de assunto. Afinal, como seria possível realizar uma análise neoliberal de custo-benefício adequada sobre o que Israel e Estados Unidos fazem em Gaza? Talvez uma estratégia capitalista melhor fosse simplesmente seguir o conselho de Steve Bannon e “inundar a zona com merda”. A IA, é claro, pode ajudar com isso.

**Ao se quantificar a natureza através da contabilidade de carbono e da pontuação de riscos, quais formas de propriedade e controle sobre a natureza foram fortalecidas? E por que a elite tecnológica parece estar deixando esses métodos de lado atualmente?**

Uma consequência da transição das tecnocracias neoliberais para o que poderia ser chamado de franquias fascistas pode ser vista precisamente nessa área da propriedade e do controle sobre o meio ambiente.

As antigas tecnocracias neoliberais quantificaram e dividiram a capacidade de ciclagem de carbono da Terra como propriedade, do mesmo modo que quem implementou os cercamentos dos séculos anteriores quantificou, privatizou e dividiu terras e águas comuns. Naturalmente, a maior parte dessa entidade “recém-coisificada” foi imediatamente concedida ao Norte global e suas empresas poluidoras. Os mesmos atores que lançaram a maior quantidade de gases de efeito estufa na atmosfera receberam os direitos de propriedade mais formais sobre o poder vital da Terra para

limpá-los. Os nomes técnico-economicistas para isso incluíam expressões bonitas como “serviços ecossistêmicos” e “direitos adquiridos”. Esse formato de apropriação e obtenção de renda foi a base do Protocolo de Kyoto, do Acordo de Paris e do Sistema de Comércio de Emissões da União Europeia<sup>3</sup>.

Os novos fascistas entendem que podem se dar ao luxo de dispensar tudo isso. Esqueçam o Acordo de Paris e os mercados de carbono. Emissão líquida zero, contabilidade de carbono, transições para energia renovável, ESG e todas as outras ficções já cumpriram seu papel como meios eficazes de atrasar a ação climática. A capacidade de ciclagem de carbono da Terra não tem valor econômico porque [no novo discurso] não há crise climática. Portanto, não faz sentido quantificá-la e entregá-la como propriedade privada aos ricos. As fraudes e a falta de transparência neoliberais dentro do projeto de “internalização dos custos ambientais” (desde que não sejam muito altos) abrem caminho para a conquista descarada. Por que se dar ao trabalho de compilar as EIA/RIMAs mais negligentes e mentirosas ou as declarações de impacto de gênero mais hipócritas quando é mais fácil simplesmente enviar retroescavadeiras e tropas de assalto?

Repetindo, há uma economia política nisso, que não teria acontecido sem que certas elites – principalmente algumas lideranças dos setores de combustíveis fósseis, tecnologia e finanças alternativas – calculassem que, no atual estado de declínio imperial dos Estados Unidos, alguns aspectos do direito neoliberal, assim como grande parte da ecologia neoliberal, estavam se tornando caros e complicados demais. Na visão deles, seria mais barato e mais fácil concordar com o projeto alternativo de cultivar uma rede de franquias fascistas (brancas), e cada uma receberia uma parte dos lucros do banditismo em troca de ajudar a realizar pilhagens diretas, e que se danem as consequências. Naturalmente, essa estratégia cria inimigos para as elites fascistas emergentes (inimigos que incluem muitos dos baluartes da velha ordem neoliberal, como Robert Rubin e Hillary Clinton), mas também pode ser capaz de recrutar novos aliados, pelo menos no curto prazo.

### **Como a manutenção dos dados sobre uso de recursos debaixo do véu do “sigilo comercial” afeta as perspectivas de controle público e a luta por responsabilização contra os monopólios das Big Techs?**

Este é um bom exemplo da continuidade entre neoliberalismo e fascismo. A regulamentação neoliberal consolidou a apropriação privada de ideias públicas na forma de ativos comerciais inalienáveis. Foi assim que Bill Gates fez sua fortuna. Não que o seu software fosse bom, ou sequer fosse dele. Mas, por meio da lei, ele forçou todos a pagar para usá-los. Trump usa um truque semelhante com seus trambiques de marcas e criptomoedas, e o mesmo fazem as empresas de biopirataria.

---

<sup>3</sup> Vários exemplos podem ser mencionados para situar esse processo de controle de territórios no Sul Global por atores do Norte Global: parques de conservação administrados por ONGs internacionais; programas REDD+; mecanismos financeiros como os debt for nature swaps; game reserves e áreas de turismo internacional; bancos de biodiversidade; agenda 30x30, e várias outras ‘nature based solutions’ baseadas no controle territorial

O fascismo leva isso a outro nível. Informações das quais o público precisa para se defender contra o capital se tornam sigilosas por lei, porque são propriedade privada de grandes empresas cujos lucros legítimos no futuro dependem de manter todos na ignorância. Uma das razões pelas quais as empresas de IA gostam tanto do fascismo é que elas precisam que até mesmo as demandas de água e energia de seus data centers se enquadrem nas regras de sigilo comercial.

**Neste cenário onde tanto o trabalho quanto a natureza são expropriados por meio da mesma lógica extrativista, onde você vê o terreno comum e as demandas compartilhadas mais estratégicas para que os movimentos de ecologistas e trabalhadores construam uma frente contra os monopólios tecnológicos?**

Como o primeiro-ministro canadense Mark Carney teve a lucidez de apontar recentemente, nunca mais poderemos voltar à antiga ordem mundial neoliberal – que para mim inclui diplomacia neoliberal, direito neoliberal, ciência neoliberal, ecologia neoliberal. Essa ordem está com os dias contados e não deixa saudades. Não vale mais a pena tentar buscar acordos com ela. Em vez disso, o futuro fascista que está surgindo precisa ser reconhecido pelo que é e combatido de frente.

Na minha opinião, é importante manter o foco nas zonas de confronto onde o antigo neoliberalismo e o novo fascismo enfrentam a resistência popular e os projetos permanentes de defesa de territórios e meios de subsistência. Os fundamentos do colonialismo não mudaram. O capitalismo racial e patriarcal continua. A minha sensação é de que os movimentos sociais precisam continuar suficientemente flexíveis para lidar com novos eventos imprevistos, incluindo a IA, sem perder de vista a história ao enfrentá-los. Uma forma de fazer isso é nunca se esquecer de que as lutas pela emancipação dos trabalhadores são sempre lutas ecológicas, e vice-versa. (DS/VC)

---

#### Notas:

[1] Diyar Saraçoğlu, “Karen Hao ile ‘Yapay Zekâ İmparatorluğu’ üzerine”, *bianet*, 21 Ağustos 2025.

[2] Özgür Narin ve Diyar Saraçoğlu, “Dan McQuillan: Silikon Vadisi ile faşizan siyaset biçimleri arasındaki örtüşme belirginleşiyor”, *bianet*, 20 Şubat 2025.